

# A Origem Africana da Capoeira

por

Edward L. Powe

© 2014 2016

Eu tomei conhecimento da existência da notável arte marcial da Capoeira em 1967, após ter recebido uma bolsa Fulbright para estudar a cultura e linguagem brasileira no Brasil. Eu fui originalmente designado para estudar em Recife, Pernambuco; mas após uma breve visita a Salvador da Bahia durante uma das frequentes greves da universidade, pedi uma transferência para a universidade localizada na Bahia.

A principal razão para este pedido foi minha exposição inicial à Capoeira, onde vi João Grande rodopiando sobre sua cabeça durante uma das exibições e sua cabeçada em Raimundo Pequeno, que foi propelido sobre as cabeças de uma fileira de turistas boquiabertos que estavam sentados em bancos. Eu estava encantado não só pela beleza dos movimentos e os ritmos cativantes, mas também pelo fato que essa era uma forma de arte Negra, dita de ter suas origens em Angola, África.

Aquela representação e posterior contatos com a arte (primeiro como estudante do Mestre Pastinha e depois subsequentes contato e participação com outros grupos liderados pelo falecido Mestre Caiçara, o falecido Mestre Bimba, o Mestre Gato, o Mestre Roque (de Pavãozinho, Rio) e o Grupo Senzala do Rio) deixaram uma impressão duradoura que continua até hoje.

Após vários anos cheios de aventuras, inscrevi-me num programa de doutorado na Universidade de Wisconsin especializando-me em Línguas e Literatura Africanas, com especialização em Hausa. Embora eu tenha solicitado uma bolsa para fazer pesquisa para minha dissertação de doutorado em artes marciais em Angola, essa solicitação foi sumariamente negada. Por isso o Dr. Kenneth Dossar - um membro do Conselho de Direção da ICAF (A Federação Internacional de Capoeira Angola) que escreveu sua dissertação de doutorado tratando de Capoeira - conseguiu sair com a sua publicação primeiro.

Eu finalmente acabei indo para a Nigéria como palestrante / pesquisador no Departamento de Linguagens Nigerianas em Kano, Nigéria (1981 – 1983) e, enquanto estava lá, fui exposto a um número de formas de artes marciais Hausa tradicionais, inclusive dambe (um tipo de boxe), shanci (luta com pulseiras laminadas), kokawa

(uma luta do tipo greco-romana), sharo (flagelação com vara Fulani), tauri (competições de gente com corpo fechado), farauta (expedições e combates de caça), etc. Ao retornar aos EUA, escrevi e defendi minha dissertação de doutorado, tratando de Literatura sobre Combate Hausa (toques de tambor, recitais, canções) em 1984.

Dez anos depois, escrevi um segundo volume baseado sobre a dissertação intitulado Jogos de Combate Hausa. Esse foi o primeiro volume da minha série de livros tratando de Artes Marciais Negras. O segundo livro daquela série tratou de Morengy (2001), e o terceiro (mas referido como quarto) tratou da luta Nguni com varas (2002).

Eu tinha intencionalmente adiado a escrita e publicação do livro tratando de Capoeira até que eu tivesse a oportunidade de visitar Angola - uma visita que eu argumentei teria que esperar o término do conflito no interior daquela nação devastada pela guerra perpetua.

Em 1992 fui a Madagascar e ao Oceano Índico, onde descobri que esses povos, também, tinham uma rica tradição de artes marciais ditas oriundas da África. De interesse particular para nós aqui são descrições antigas em jornais de uma forma de arte marcial da ilha de Reunião chamada Moringue, alguns trechos dos quais eu traduzi para o inglês e apresento abaixo:

(1894) É triste! Todo domingo de manhã, o bairro Petite-Ile é, aparentemente, palco de várias competições selvagens ... [que é] o Moringue, uma competição de boxe, com chutes e golpes de cabeça;

(1902) O estranho nome de Moringue é usado para descrever um jogo estúpido e brutal em que, sob o pretexto de exercício físico, os futuros eleitores da cidade de St-Denis aplicam cabeçadas como as de carneiro, socos, chutes, e outros golpes (conhecidos e desconhecidos). Algumas vezes jorra sangue e um campeão é gravemente ferido. Espectadores formam um círculo ao redor dos adversários e três ou quatro músicos batucam ritmos nos tambores. Eles agora escolheram um novo local perto de Chateau Morange para os seus jogos nas tardes de domingo.

Parece-se de algum jeito com Capoeira, não parece? A descrição continua: Cada bairro tem seus campeões e técnicas especiais. Camp Giron era conhecido por seus chutes de calcanhar; Rue des Sables era conhecido por suas cabeçadas (ditas capazes de arrancar uma árvore); Lataniers era conhecido por seus chutes, etc.

Naquele ponto da história os campeões de moringue eram heróis. Entre os mais populares deles estavam: Laurent-le-diable (“Lorenço o diabo”), Le Rempart du

Camp Ozoux (“a parede da montanha de Campo Ozoux”), La Terreur des Lataniers (“O Terror dos Lataniers”), Coco l’enfer (“o côco do inferno”), Cadine (o mais conhecido, Bibi l’invincible (Bibi o invencível de Petite-Ile), e Chou-fleur (“Couve-flor”) todos (assim como seus análogos da Capoeira) eram lutadores temidos e respeitados embuídos com poderes supostamente supernaturais.

Um número de pesquisadores (tanto da ilha de Reunião quanto fora dela) concluíram que a arte de Moringue é um ritual de combate de origem Malagasy e Africana que era praticado nas ilha de Reunião desde os primórdios da escravidão até o início da década de 1950. A fonte da arte, eles afirmam, é indubitavelmente a África (Moçambique, Angola, a Costa Leste Africana, Congo, Dahomey, etc.) que tinha muitas formas de arte marcial originais.

Essas tradições foram carregadas para Madagascar (na forma de Morengy), para o Brasil (na forma de Capoeira), para Martinique (na forma de Danmyé, Ladjia, Kokoye, & Ronpoin), para Cuba (como Bombosa ou Mani) e para Guadeloupe (como “Chat ou”) por africanos escravizados de várias partes do continente. Uma excelente introdução sobre as origens de Dahomey do Ladjia intitulada Le Ladjia Origines et Practiques foi escrita por Josy Michelin (uma instrutora de dança negra da Martinica).

Após ter sido exposto a esta e outras artes marciais africanas, estou mais convencido que nunca de que a Capoeira veio ao Brasil da África de forma mais ou menos desenvolvida e sofreu algumas modificações ao longo dos séculos, assim como o português brasileiro, por exemplo, é uma forma modificada do português continental. Esta não é uma posição “racista” mas porém um simples fato. Dizer que a capoeira originou-se no Brasil é equivalente a dizer que os americanos negros são originários de uma fazenda em algum lugar da região sul do país. Ou como Stokely Carmichael dizia “pularam de uma torradeira no Mississippi”.

Os brasileiros parecem não ter problemas em reconhecer que a língua portuguesa e a sua fé Católica foram aquisições de Portugal, por que deveriam ser tão relutantes em reconhecer as origens africanas da Capoeira? Por que insistem que ela se originou (embora com os escravos) em solo brasileiro?

Os africanos, afinal de contas, não vieram ao Brasil sem uma cultura. Isso é evidenciado, mesmo hoje, pela força e proliferação do Candomblé e da Macumba no Brasil. Se elementos importantes da religião africana sobreviveram, por que é tão insustentável que suas formas de arte marcial não sobreviveram?

O ponto a ser feito aqui é que como houve e ainda há muitas formas originais e altamente desenvolvidas de artes marciais africanas, por que os africanos escravizados que vieram ao Brasil lembram dos aspectos religiosos da sua cultura, mas não a tradição de combate físico, que era (provavelmente) intimamente ligado a ela? Ao contrário da descrição da arte Capoeira de Edison Carneiro em Capoeira Sem Mestre, o africano não teve que se tornar “embranquecido” para conseguir executar m au ou salto.

Você pode perguntar, a esta altura, qual é a semelhança específica entre Capoeira e outras tradições de artes marciais africanas. Algumas semelhanças incluem: 1) o uso de três tambores [Embora a Capoeira agora use 3 berimbaus, os tambores (e não os berimbaus) eram usados quando Pastinha a aprendeu do seu professor africano.]; 2) a roda de batalha; 3) o fato de que música e canções de coro ocorrem durante a competição; 4) os tipos de golpes; 5) certos rituais de preparação para a execução do jogo; 6) o uso de magia; 7) o uso de nomes de guerra; etc.

No Moring de Reunião (assim como no Morengy de Madagascar e no Mrengé de Comoros), por exemplo, um competidor surge da multidão e (ao som de um grupo de músicos tocando tambores) provoca um potencial adversário com um primeiro desafio. Alguém então aceita o desafio e uma dança ritual é executada em que os adversários executam uma ginga característica ao longo do círculo formado pelos espectadores. Os combatentes então executam um ritual que consiste em agachar-se, afagar a terra com as mãos, e esfregar as mãos e corpos com terra (de alguma forma semelhante às ações dos combatentes da Capoeira agachados ante o berimbau). O combate então começa ao ritmo dos tambores. Para informações mais detalhadas e fotos tratando de: 1) morengy; 2) um número de jogos de combate da Nigéria; e 3) a luta com vara da África do Sul, Swaziland, e Zimbábue, veja os outros três livros que já publiquei nessa série.

Depois da minha desejada viagem a Angola (possivelmente em 2018) eu espero descobrir a prova indiscutível que irá convencer até o maior cético das origens angolanas da capoeira. Até lá, o argumento citado acima somado ao fato de que os professores de Bimba, Pastinha e Besouro eram africanos da África foram considerados suficientes para sustentar o meu grito que “A Capoeira veio da África” e que “Foi o Africano quem a mandou”.

Recentemente (Março 2014), porém, os possíveis alicerces filosóficos da Capoeira foram revelados a mim num lampejo de intuição. Realmente, se a África foi a terra das origens da Capoeira, ela deve ter se originado dentro da comunidade de caçadores e ferreiros, porque esses eram os guerreiros da nação que a defendiam contra agressão externa.

A principal diferença entre Capoeira e outras artes marciais é que a Capoeira é essencialmente defensiva e é caracterizada por três movimentos: fuga; armação de uma armadilha; e lançamento da armadilha, nessa ordem. Esta, em essência, é a arte do caçador. Seria impensável para um homem desarmado encarar um leão e tentar subduzi-lo com suas mãos vazias. Ainda mais inimaginável, seria encarar um elefante atacando e tentar desviar de seu ataque com o corpo.

Entretanto, entre os Masai, um jovem guerreiro deve provar sua masculinidade matando um leão somente com uma lança. Para fazer isso, ele se aproxima do leão, provoca-o, e então quando o leão ataca cai de costas no chão. Quando o leão salta sobre ele, ele levanta sua lança inclinada e o leão cai com todo seu peso sobre a ponta da lança e morre. Uma vez que salta ele não pode alterar sua trajetória no espaço mesmo quando vê que uma lança o espera.

A Capoeira, em essência, é composta de 8 armadilhas com múltiplas solturas, todas podendo ser comparadas a várias armadilhas usadas por caçadores africanos para caçar pássaros e animais maiores. Até a característica ginga é uma armadilha onde a gente pisa atrás com uma perna (na fuga de uma facada). É como armar o gatilho de uma pistola que “quando levado para a frente com força” libera um golpe traumático na virilha do adversário.

Veja também como o ferreiro intui isso ao levantar seu martelo bem alto antes de bater para moldar a arma de ferro que ele fabrica.

O capoeirista luta baixo no chão porque ele deve de alguma forma evitar o ataque do animal maior e atacar primariamente suas pernas e pés (assim ve-se a importância da rasteira). Também é mais vantajoso estar abaixo do ponto vital do animal para matá-lo ou aplicar um golpe traumatizante.

Mesmo a malícia pode ser entendida à luz da caça. Veja a malícia de cobrir um buraco feito para caçar um elefante com galhos e folhas. Quando um capoeirista executa uma “baianada”, ele o faz primeiro fingindo que derruba uma moeda e então quando inclinado rapidamente puxa os pés do adversário debaixo dele. Esta é, em minha visão, uma explicação muito melhor que a brasileira que coloca que a razão pela qual o capoeirista luta com seus pés é que suas mãos estão acorrentadas. Na verdade, escravo também tinha algemas em seus pés. Também é muito mais atraente que a noção de "atrevessar a kalunga, de T. J. Desch.

A explicação de Nestor Capoeira sobre como a Capoeira nasceu (um pouco disso e um pouco daquilo de múltiplas fontes, inclusive índios americanos, brancos, asiáticos e africanos) é insustentável e, em alguns pontos, até mesmo absurda.

Há um ditado em Hausa: “Nagari na Kowa” (O bom garoto pertence a todos). Quer dizer, se uma pessoa é valiosa todos pretendem ter um relacionamento com ela. “Eu sou seu pai; Eu sou sua prima; Eu sou da sua linhagem; Eu sou da sua vila; etc.” Então, agora que a Capoeira foi promovida à sua condição atual, os brasileiros (de todos as matizes) querem reivindicá-la como exclusivamente deles e negar sua origem africana. Isso apesar do fato que no passado ela era não somente desaprovada, mas também desprezada, perseguida e banida. Era coisa do negro!

Mestre Pastinha sempre ensinou que a Capoeira não é um privilégio de ninguém e que todos são bem-vindos a aprendê-la: homem, menino, mulher, negro ou branco, rico ou pobre. E realmente agora a Capoeira evoluiu de ser patrimônio exclusivo dos africanos, depois afro-brasileiros, depois brasileiros, já que é realmente internacional.

O principal objetivo desse artigo, entretanto, é proclamar em voz alta, sem nenhuma reserva, que a Capoeira é em sua essência uma tradição africana com uma filosofia africana e que não importa o quão alto os brasileiros proclamem que ela se originou em solo brasileiro, eles estão do lado de um argumento perdedor. O fato de que a Capoeira veio da África não pode ser negado.

Embora seja verdade que a Capoeira tenha mudado ao longo dos anos (e mesmo hoje continua a mudar), e que essas mudanças ocorreram em solo brasileiro, elas não foram significantes o suficiente para mudar a natureza africana da Capoeira.

Para uma descrição completa das oito armadilhas e múltiplos golpes de Capoeira veja meu talher da FACA publicado em forma de livro em português e inglês sob o título Elementos Básicos da Capoeira de Angola.

Para outros livros da minha série Artes Marciais Negras (Black Martial Arts), visite meu website [www.danaikipublications.org](http://www.danaikipublications.org). Também para vídeos e outras informações relevantes a Capoeira e da FACA (Federacao Autonoma da Capoeira Africana), visite [www.blacfoundation.org](http://www.blacfoundation.org) (o website da nossa Fundação).

Para comentários ou perguntas sobre este artigo, posso ser contactado pelo e-mail [edpowel@hotmail.com](mailto:edpowel@hotmail.com) ou por telefone +1 (608) 609-4596.